

CONCEPTUALIZAÇÃO DE SINAIS PARA TEMPO NA LIBRAS: METÁFORA E INSTRUMENTOS LINGUÍSTICOS

CONCEPTUALIZATION OF SIGNS FOR TIME IN LIBRAS: METAPHOR AND LINGUISTIC INSTRUMENTS

Glênia Aguiar Belarmino da Silva Sessa¹
Sandra Pereira Bernardo²

RESUMO

Análise do processo de conceptualização de sinais da Libras para PASSADO, PRESENTE, FUTURO, ANTES, HOJE, AGORA com base em instrumentos linguísticos que datam do período entre 1875 e 2011, à luz da teoria da metáfora conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980]) e outros conceitos da Linguística Cognitiva. A análise revelou a subjacência das metáforas primárias PASSADO É PARA TRÁS, FUTURO É PARA FRENTE, PRESENTE É LOCUS (do EGO/OBJETO) e VIDA É JORNADA na conceptualização dos sinais selecionados para este estudo. Também foi possível evidenciar a relação entre pressupostos da Linguística Cognitiva e da História das Ideias Linguísticas. **PALAVRAS-CHAVE:** Libras, Conceito de Tempo, Metáfora Conceptual, Instrumentos Linguísticos.

ABSTRACT

Analysis of the process of conceptualization of signs from Libras for PAST, PRESENT, FUTURE, BEFORE, TODAY, NOW, based on linguistic instruments dating from the period between 1875 and 2011, in the light of the theory of conceptual metaphor (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980]) and other concepts of Cognitive Linguistics. The analysis revealed the underlying metaphors PAST IS BACK, FUTURE IS FORWARD, PRESENT IS LOCUS (OF EGO/OBJECT) and LIFE IS JOURNEY in the conceptualization of the signs selected for this study. It was also possible to highlight the relationship between assumptions of Cognitive Linguistics and the History of Linguistic Ideas.

KEYWORDS: Libras, Concept of Time, Conceptual Metaphor, Linguistic Instruments.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, pretende-se investigar a conceptualização metafórica de alguns sinais da Libras referentes ao conceito de tempo, PASSADO, PRESENTE, FUTURO, ANTES, HOJE e AGORA, registrados em seis instrumentos linguísticos que datam do período entre 1875 e 2011. Embora não sejam o foco principal da análise, os conceitos ANTES, HOJE e AGORA são abordados, porque, entre os dicionários estudados, observamos que os sinais empregados na sinalização desses conceitos são relacionados aos sinais para PASSADO, PRESENTE e FUTURO. Para tanto, utilizaram-se pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva (LC) e da História das Ideias Linguísticas (HIL). Da LC, foram tomados a teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980], GRADY, 1997), os conceitos de domínio e esquema imagético, a tese da corporificação de sentidos e a noção de contexto de Kövecses (2020). A seleção dos instrumentos linguísticos foi norteada pela HIL (AUROUX, 2014, FAVERO; MOLINA, 2004). Pretende-se, com análise, evidenciar a relevância da corporificação na conceptualização metafórica dos sinais para TEMPO selecionados.

¹ Doutoranda em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestre em Linguística pela UERJ. E-mail: gleniasessa@gmail.com.

² Professora Titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutora em Linguística pela UFRJ. E-mail: sanpbernardo@gmail.com. Produção ligada ao projeto FAPERJ nº E-26/010.000145/2016.

Antes de darmos andamento ao texto, é necessário estabelecer uma distinção inicial acerca da abordagem do “tempo” na LC. O emprego de versalete na referência ao TEMPO – PASSADO, PRESENTE, FUTURO –, representa o tratamento destes como conceitos no âmbito cognitivo-conceptual: trata-se do valor do “Tempo (verbal)” na conceptualização, que opera no nível da construção cognitiva. A fim de representar nossas experiências cotidianas com “tempo”, em termos cronológicos, serão empregadas letras minúsculas. Apenas letras iniciais maiúsculas serão empregadas para referir o tempo gramatical de uma língua, em termos de marcas formais.

Essa distinção é necessária, porque, por exemplo, na língua portuguesa, o Presente do Indicativo pode de ser usado para eventos conceptualizados no PASSADO ou no FUTURO, como nas frases *Em 1500, Cabral descobre o Brasil* e *No próximo ano, completo 10 anos de trabalho na empresa*. Na gramática da Libras, a marcação do Tempo Verbal é realizada predominantemente por advérbios que acompanham o verbo, como nesses exemplos do português: *em 1500* e *no próximo ano*. Dessa forma, os sinais para PRESENTE, PASSADO e FUTURO serão analisados como conceitos que não necessariamente compõem o enquadre conceptual de enunciados sinalizados em situação real de uso da Libras sobre passado, presente e futuro.

Na primeira seção, abordam-se os conceitos de corporificação e de contexto e suas implicações na conceptualização do pensamento metafórico. Na segunda seção, serão apresentados os instrumentos linguísticos de onde foram selecionados os sinais analisados, explicitando como foram produzidos e algumas características contextuais. Em seguida, na terceira seção, analisam-se os sinais da Libras, relacionados ao tempo, que aparecem nos instrumentos linguísticos estudados. Por último, serão tecidas as considerações finais. Como os estudos e as reflexões sobre Libras desenvolvidos por nós baseiam no arcabouço da LC, a próxima seção não é totalmente inédita, já que a síntese dos pressupostos também aparece em outros textos de nossa autoria.

1 Contexto, metáfora conceptual e corporificação

A Linguística Cognitiva (LC) caracteriza-se como um arcabouço teórico que adota uma visão experientialista como uma de suas assunções basilares. Nessa concepção, a natureza orgânica influencia a experiência de mundo refletida no uso da língua, de modo que os significados construídos são influenciados pelas experiências corpóreas. Essa é a tese da corporificação dos sentidos, em que a mente é corporificada, por isso as experiências do corpo assumem um papel fundamental no modo como pensamos e na formação da gramática. Segundo Ferrari (2011, p. 21), “a investigação da mente humana não pode ser separada do corpo, de modo que a experiência, a cognição e a realidade são concebidas a partir de uma ancoragem corporal”.

Mark Johnson (1987) destaca que a corporificação (*embodiment*) é encontrada na cognição humana, porque o que falamos ou pensamos está relacionado à experiência corporal sobre como percebemos e concebemos o mundo ao nosso redor. Logo, sentidos, habilidades motoras e perceptuais estão ligados à linguagem e à forma como são conceptualizados os conceitos na mente. Lakoff e Johnson (2002[1980]) descrevem que a mente seria “corporificada”, estruturada através das experiências corpóreas, e não uma entidade puramente metafísica e independente do corpo.

No entanto, a conceptualização não é fundamentada apenas no corpo. Também fazem parte desse sistema as experiências que as pessoas vivenciam em seu cotidiano, assim como os discursos em que estão envolvidas na interação com o outro e o conhecimento de mundo que acumulam durante a vida.

Segundo Kövecses (2020), a conceptualização é afetada e moldada por contextos corporal, situacional, conceptual-cognitivo e discursivo. Em se tratando de uma língua de sinais, como a Libras, o corpo exerce um importante papel na construção de sentido, por isso, como se verá adiante esse tipo de contexto é basilar para análise proposta, já que o corpo “não é apenas responsável pela produção de centenas de metáforas conceptuais através das muitas correlações entre a experiência subjetiva e a sensório-motora (...), mas também pode privilegiar o uso de

metáforas particulares em contextos locais mais imediatos” (KÖVECSES, 2020, p. 100, tradução nossa).

O contexto situacional abarca o ambiente físico, a situação social e a situação cultural. Os instrumentos linguísticos, como importantes registros históricos das línguas faladas nas sociedades, em determinado período, trouxeram aspectos socioculturais relevantes para o contexto de produção e publicação das obras selecionadas para análise. Da mesma forma, tais instrumentos também possibilitaram observar o contexto cognitivo-conceptual, ligado à ideologia, ao conhecimento sobre eventos passados e aos interesses e às preocupações, pois foi possível perceber as primeiras visões dos estudos da Libras.

O contexto discursivo relaciona-se ao contexto linguístico, ao “conhecimento sobre os principais elementos do discurso, os discursos anteriores sobre o mesmo tópico e as formas dominantes de discurso relacionadas a um determinado assunto” (KÖVECSES, 2020, p. 97, tradução nossa). Esse tipo de contexto exerce um papel menos proeminente na análise, devido à abordagem lexical inerente aos instrumentos linguísticos dos quais os sinais para TEMPO foram selecionados, porém, como apontam os pressupostos da HIL, esses instrumentos evidenciam uma forma de pensar sobre a gramática da Libras, configurando um aspecto do contexto linguístico para emprego dos sinais.

Assim, o uso das línguas revela a constituição do pensamento dos indivíduos em um ambiente social, a partir de suas experiências, sejam intrínsecas ou extrínsecas, de base corporal ou social. Todas fazem parte do processo conceptual. A própria criação de significado metafórico, por exemplo, depende de encontrar o contexto ideal em que o uso de uma metáfora particular possa ser interpretado corretamente. Isso porque uma metáfora pode fazer sentido em determinado contexto e não em outro, necessitando de uma base compartilhada entre o emissor e o receptor da mensagem para que tenham êxito na comunicação.

Cunhada por Lakoff e Johnson (2002[1980]), a teoria da Metáfora Conceptual inaugurou um importante conceito dentro do escopo da LC. As metáforas, antes entendidas apenas como um recurso linguístico, passaram a ser compreendidas como propriedade do pensamento. Ao utilizar uma metáfora, o conceptualizador compara dois domínios distintos para compreender um em relação ao outro. A frase “Nosso casamento chegou a *um beco sem saída*” ilustra a metáfora conceptual AMOR É VIAGEM, porque o emprego da expressão *beco sem saída* evidencia a compreensão do AMOR (domínio-alvo) em termos de uma VIAGEM (domínio-fonte), devido aos percalços da relação amorosa. Desse modo, as metáforas auxiliam nas atividades cognitivas, porque facilitam o raciocínio e otimizam as informações recrutadas pelo cérebro.

A noção de domínio foi definida por Langacker (1987, p. 488, tradução nossa) como “uma área coerente de conceitualização em relação à qual unidades semânticas podem ser caracterizadas”. Trata-se de estruturas conceptuais que organizam conceptualmente nossa forma de pensar e estar no mundo, assim como esquemas imagéticos e *frames*. Estes últimos foram definidos como qualquer “sistema de conceitos relacionados, de tal forma que para entender qualquer um deles é necessário compreender toda a estrutura em que se enquadram” (FILLMORE, 2006, p. 373). Os esquemas imagéticos são estruturas pré-conceituais essenciais que impregnam experiência com significado (JOHNSON, 1987; LAKOFF, 1987). Formam-se por meio da percepção sensorio-motora das experiências humanas mais primitivas, ligadas a uma série de situações que experienciamos em nossa interação com o ambiente (GIBBS; COLSTON, 2006[1995]) e manipulação de objetos. Domínios, *frames* e esquemas imagéticos podem ser diferenciados em termos esquematicidade, que, segundo Langacker (1987, p. 492, tradução nossa), consiste em “uma precisão relativa de especificação ao longo de um ou mais parâmetros”. Todavia, neste estudo, *frames* e domínios não serão diferenciados ao longo da análise postulada.

Estudiosos da LC, ao longo do tempo, têm descrito alguns tipos de metáfora conceptual. Neste artigo, destacam-se as metáforas primárias, também conhecidas como metáforas de correlação, pois envolvem a relação entre dimensões diferentes da experiência (GRADY, 1997). São metáforas altamente ligadas a aspectos reais da vivência humana, ou seja, são constituídas a

partir da relação que os indivíduos têm com seus próprios corpos, seus sentidos, e com tudo e todos com que(m) interagem. Kövecses (2020) afirma que as metáforas primárias são altamente esquemáticas e que, muitas delas, são estruturadas por esquemas imagéticos, como, por exemplo, MAIS É PARA CIMA e ESTADOS SÃO CONTÊINERES, subjacentes a frases como “Ela *está nas nuvens* com o novo namorado” e “Ela *está presa em um relacionamento tóxico*”, respectivamente. Há, portanto, uma forte influência do contexto em que o conceptualizador está inserido e do repertório de conhecimento que possui.

2 Instrumentos linguísticos selecionados

Nesta seção, propomos uma breve apresentação dos instrumentos linguísticos selecionados como fontes para a análise de sinais da Libras relacionados ao tempo. A descrição dessas obras será feita com base nos pressupostos da História das Ideias Linguísticas (HIL), a fim de possibilitar um olhar mais atento ao contexto e ao modo como foram produzidas, aos seus objetivos, às maneiras como foram divulgadas e recebidas pela sociedade. Todos esses fatores são importantes, porque ajudam a reconhecer características sociais e linguísticas importantes do período em que foram elaboradas, além de contribuir para a compreensão da linguística atual (FAVERO; MOLINA, 2004).

Uma ideia linguística compreende “todo o saber construído em torno de uma língua, em um dado momento, como produto quer de uma reflexão metalinguística, quer de uma atividade metalinguística não explícita” (AUROUX, 1989 apud FAVERO; MOLINA, 2004, p. 140). Assim, a HIL permite a investigação de obras circunscritas no conceito de gramatização, definido por Auroux como um “processo que conduz a *descrever* e a *instrumentar* uma língua na base de duas tecnologias (...): a gramática e o dicionário” (2014, p. 65, *itálicos do autor*). O autor explica que os instrumentos linguísticos prolongam a fala natural, sem deixá-la intacta. O registro de uma língua não a enrijece, pois seu uso continuará sendo dinâmico e fluido. Contudo, a gramatização modificou a forma de comunicação e o patrimônio linguístico humano trazendo benefícios, dentre eles, a maior proteção das línguas com relação ao linguicídio (AUROUX, 2014).

Foram selecionadas seis obras que datam do período entre 1875 e 2011. São elas: *Iconographia dos signaes dos surdos-mudos*, de Flausino José da Gama (1875); *Linguagem das mãos*, do Pe. Eugênio Oates (1969); *Linguagem de sinais*, produzido pela Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados (1992); *Dicionário digital da Língua Brasileira de Sinais*, do Instituto Nacional de Educação de Surdos (2001); *Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira*, elaborado por Fernando Cesar Capovilla, Walkiria Duarte Raphael e Aline Cristina L. Maurício (2015); *Manuário acadêmico e escolar*, idealizado pelas professoras do Instituto Nacional de Educação de Surdos, Janete Mandelblatt e Wilma Favorito (2022 [2011]).

A escolha desses instrumentos linguísticos deve-se ao fato de serem obras reconhecidas e legitimadas pela comunidade surda brasileira. Algumas delas foram publicadas, em diversas edições, no formato impresso. Outras foram disponibilizadas digitalmente. Esses instrumentos linguísticos têm em comum o fato de serem institucionalizados e chancelados por entidades de renome na sociedade. Além disso, todos têm por objeto o léxico da Libras.

A *Iconographia dos signaes dos surdos-mudos*, produzida por Flausino José da Gama em 1875, foi a primeira obra que registrou sinais utilizados aqui no Brasil. Flausino era aluno surdo do então denominado Instituto Nacional dos Surdos-Mudos, que mais tarde passaria a chamar-se Instituto Nacional de Educação de Surdos. Por seu bom desempenho e dedicação, exerceu função de repetidor, uma espécie de professor auxiliar da época. Na biblioteca do Instituto, ao deparar-se com a obra francesa *Iconographie des signes faisant partie de l'enseignement des sourds-muets* (1856), de autoria do professor surdo Pellisier, Flausino decidiu reproduzi-la adaptando-a à realidade brasileira. Apesar das semelhanças entre as duas obras, é possível notar um traço de autoria no trabalho de Flausino, já que não se limitou a traduzi-la.

Silva (2012) afirma que, após a obra de Flausino, houve um hiato de aproximadamente um século até que o segundo dicionário de Libras, *Linguagem das mãos* (1969), fosse publicado. A autora

explica que esse grande período sem a produção de obras descritivas da Libras teve relação direta com as determinações do Congresso de Milão de 1880, no qual foi estabelecida uma política direcionada à oralização dos surdos. No que diz respeito à organização e ao conteúdo, a *Iconografia dos sinais dos surdos-mudos* apresenta vinte estampas, ordenadas por assunto. As estampas são quadros numerados que contêm, de um lado da página, imagens de sinais pertencentes à temática da estampa e, do outro lado, as descrições de como produzir os sinais e, em alguns casos, explicações gramaticais sobre o uso desses sinais.

O dicionário *Linguagem das mãos*, de autoria do Pe. Eugênio Oates, em 1969, foi chancelado pela Congregação Redentorista do Brasil, instituição da qual Oates fazia parte desde 1946. No texto introdutório, o então diretor do INES, Dr. Murillo Rodrigues Campello, conta que o padre Eugênio nasceu nos Estados Unidos e veio ao Brasil para exercer o chamado missionário na Amazônia, viajando também para outras partes do país. Ao ter contato com os surdos percebeu que, em cada região, utilizavam-se sinais diferentes, fato que dificultava a comunicação entre eles e, por isso, decidiu dedicar-se à produção deste material. Desse modo, foram registrados os sinais observados em vários lugares do Brasil. Nessa época, a metodologia adotada no ensino ainda era o oralismo. Portanto, de acordo com o Dr. Murillo, esse dicionário tinha por finalidade melhorar a comunicação entre os surdos não escolarizados.

No prefácio do autor, contudo, o Pe. Eugênio afirma que o objetivo da obra é de ajudar os surdos em seu entrosamento social, educacional, recreativo, econômico e religioso. Com isso, demonstra sua aceitação ao uso da Libras nas mais diversas esferas sociais. A organização do dicionário dá-se através de eixos temáticos que nomeiam os quinze capítulos e as 1248 entradas são dispostas em ordem alfabética. Na capa, tem-se a imagem do alfabeto manual e no último capítulo tem-se os sinais correspondentes aos numerais.

O compêndio *Linguagem de sinais* foi produzido em 1992 pela Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, entidade ligada ao grupo religioso das Testemunhas de Jeová. Nessa obra, não são citados autores. Ao abrir o compêndio, logo na guarda e na folha de guarda, tem-se a citação bíblica de Isaías 35:5,6, traduzida em Libras e apresentada na forma de imagens sequenciadas. Na folha de rosto, apresenta-se a mesma citação bíblica, desta vez em português: “Naquele tempo... destapar-se-ão os próprios ouvidos dos surdos... e a língua do mudo gritará de júbilo”. Atrás da folha de rosto, acima da ficha catalográfica, tem-se o objetivo da obra: “O desejo dos editores é que este compêndio ajude os deficientes auditivos a aprender a louvar o nosso Grandioso Criador Jeová por meio da linguagem de sinais”. No prefácio, complementa-se essa ideia, ratificando que o compêndio se destina a fins evangelísticos.

Outra finalidade descrita é a de “ajudar as Testemunhas de Jeová a ensinar a linguagem de sinais aos deficientes auditivos que ainda não a conhecem”. E, ainda, a de auxiliar no processo de alfabetização desses, através de sinais, com o auxílio de imagens e articulação das palavras. Percebe-se, portanto, uma finalidade didática neste instrumento linguístico e, nas instruções do prefácio, é possível identificar a influência da metodologia utilizada como referencial: a Comunicação Total. Há também um interesse de padronização dos sinais utilizados pelas Testemunhas de Jeová no Brasil, percebido diante da recomendação que se faça uso dos sinais contidos no compêndio, ainda que isso demande de certo esforço.

Com relação à organização da obra, percebe-se uma semelhança grande com o *Dicionário linguagem das mãos* (1969). São quatorze capítulos, cada um trazendo sinais de um assunto ou de classes gramaticais específicas. Na abertura, tem-se o alfabeto manual e, no fechamento, os numerais. Os verbetes estão dispostos em ordem alfabética, totalizando 1256 entradas encabeçadas pela imagem do sinal (SILVA, 2012). Há semelhanças também na ordem dos assuntos e na própria seleção e descrição dos verbetes, fazendo parecer que o dicionário produzido pelo Pe. Eugênio serviu de base para a produção deste material.

O *Dicionário digital da Língua Brasileira de Sinais* foi criado pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos, sob a coordenação da Prof.^a Dr.^a Tanya Amara Felipe. Em 2001, a primeira versão (1.0) foi divulgada com o apoio do MEC. Foram apresentados 3.850 sinais, em vídeo. Mais

tarde, em 2005, foi lançada a versão 2.0 que contou com mais de 5.000 sinais, com buscas por ordem alfabética, a partir do assunto ou da configuração de mão (SESSA, 2018). Há também a opção de escrever a palavra pesquisada em Língua Portuguesa e clicar no campo “buscar” para realizar a procura do sinal da Libras correspondente. Atualmente, vigora a versão 3.0 do dicionário³. Houve algumas modificações como o endereço do *site*, o design, o nome do dicionário (retirou-se a palavra “digital”) e a regravação de sinais. No entanto, as formas de uso continuam as mesmas.

O *Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira* é uma obra impressa publicada em dois volumes, no ano de 2009. Trata-se de um dicionário descritivo baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas. Foi criado a partir de em uma extensa pesquisa que investigou sinais utilizados em 12 Estados do Brasil. Isso porque era de interesse de seus idealizadores o registro de variantes linguísticas da Libras. Ainda que não se tenha abrangido as 27 unidades federativas, houve um cuidado para que fossem contempladas as cinco regiões do país. Em 2015, foi publicada uma nova edição, dessa vez, com 10.296 sinais (CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURICIO, 2015). A edição lançada em 2017 documenta mais de 13 mil sinais da Libras, divididos em três volumes.

O *Manuário acadêmico e escolar*⁴ do Instituto Nacional de Educação de Surdos, nasceu em 2011, com a finalidade de registrar e divulgar os sinais utilizados no Curso Bilíngue de Pedagogia e no Colégio de Aplicação do INES. O projeto foi idealizado com base nos pressupostos teóricos da lexicologia e da lexicografia, sob a coordenação das professoras Dr^a. Janete Mandelblatt e Dr^a. Wilma Favorito (FAVORITO et al., 2012). A consulta pode ser feita *online*, no *site* do *Manuário*, clicando na opção “índice geral” que dispõe os sinais em ordem alfabética ou selecionando o tema de interesse, para que a lista dos sinais que pertencem à categoria apareça também em ordem alfabética.

A escolha pela análise de sinais relacionados ao tempo se deu após a leitura do artigo intitulado “Constituição da categoria de tempo verbal em textos fundadores de língua de sinais – Estudo da Libras” (SILVA; XAVIER; SILVA, 2016). Nesse estudo, as autoras analisam quatro textos linguísticos considerados fundadores de Línguas de Sinais no mundo, à luz dos pressupostos teóricos da HIL. São eles: Bonet (2022 [1620]), L'Épée (2022 [1776]), Gama (1875) e Brito (1995). A obras selecionadas apresentam, cada uma a seu modo, a descrição dos tempos verbais nas línguas de sinais estudadas, a saber: Língua Francesa de Sinais, Língua Brasileira de Sinais e Língua de Sinais Urubu-Kaapor.

Para o espanhol Juan Pablo Bonet (2022 [1620]), três tempos verbais simples (Passado, Presente e Futuro) eram suficientes para estabelecer uma comunicação eficiente. L'Épée (2022 [1776]) toma por base a categoria verbal da língua francesa oral para estabelecer as relações verbais na língua francesa de sinais, pois acrescenta ao Passado e ao Futuro os modos Imperfeito, Perfeito e Mais-Que-Perfeito. Gama (1875) e Brito (1995), como Bonet, indicam que a noção de tempo é suficientemente evidenciada a partir do uso dos três tempos verbais simples. Esse saber vigora até hoje na estrutura gramatical da Língua Brasileira de Sinais.

Silva, Xavier e Silva (2016) afirmam que as quatro obras analisadas forneceram um importante suporte com relação à reorganização do saber gramatical das línguas de sinais que viabilizou, posteriormente, o processo de oficialização e de institucionalização dessas línguas. Os tempos verbais, nas quatro obras, parecem ser representados a partir de uma linha horizontal imaginária em que o passado estaria mais à esquerda ou, dependendo da perspectiva, mais para trás. O PRESENTE seria retratado como ponto de origem e o FUTURO estaria mais à direita ou mais à frente. Essa observação inspirou a investigação de sinais relacionados ao tempo em obras dicionarísticas da Libras, à luz da Linguística Cognitiva, a fim de analisar a subjacência de sentidos metafóricos de base corporificada, visto que a conceptualização em uma linha horizontal, apontada

³ Disponível em: http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras_3/. Acesso em 14 de julho de 2022.

⁴ Pode ser consultado no seguinte endereço eletrônico: <http://www.manuario.com.br/>. Acesso em 14 de julho de 2022.

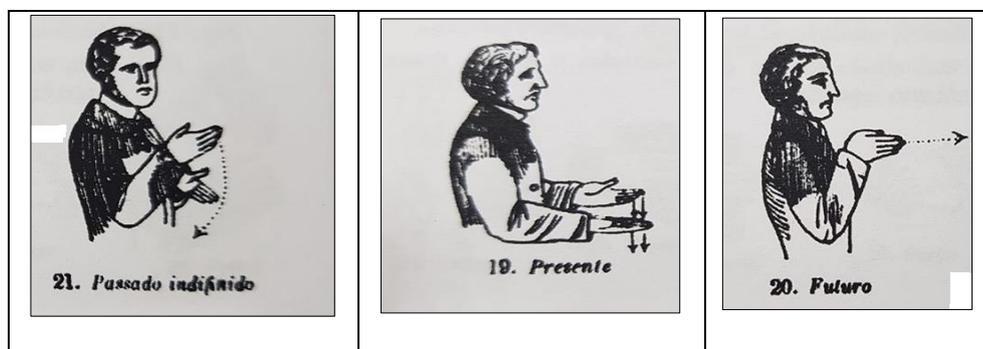
nesse texto, dialoga com a subjacência do esquema imagético PERCURSO apontado por Nunes (2019, p. 34).

3 Metáfora conceptual em sinais da Libras para TEMPO

Nesta seção, serão analisados os sinais relacionados ao TEMPO, coletados dos instrumentos linguísticos já caracterizados, a fim de investigar como esse saber é descrito nessas obras e como os contextos motivadores para ativação de metáforas relacionam-se aos sentidos produzidos pelos sinais. A análise será conduzida a partir da imagem da produção dos sinais em cada obra, que iniciarão as respectivas subseções. Em uma última subseção, apresentamos reflexões sobre a conceptualização (*construal*) do TEMPO na Libras.

3.1 Iconografia dos signaes dos surdos-mudos

Figura 1 – Sinais PASSADO INDEFINIDO, PRESENTE e FUTURO



Fonte: Gama (1875, p. 36)

Silva, Xavier e Silva (2016), ao analisarem esses sinais coletados da obra *Iconografia de signaes*, de Flausino José da Gama, afirmam que é inaugurado um saber gramatical e dicionarístico sobre a língua de sinais que era sinalizada no Brasil no final do século XIX. Os sinais ligados ao TEMPO estão dispostos na estampa 13. A entrada é feita pela imagem e, ao lado, tem-se a descrição da produção dos sinais. Para a realização do sinal PASSADO INDEFINIDO, tem-se a seguinte instrução: “deixar *cabir* a mão direita de alto para baixo, roçando as cabeças dos dedos da outra mão”.

Apesar de a descrição contemplar apenas o movimento para baixo, a imagem mostra, através da seta, que se trata de um movimento curvilíneo que se inicia para baixo e se alonga para trás, revelando a metáfora conceptual PASSADO É PARA TRÁS, uma especificação da metáfora mais ampla VIDA É JORNADA, ambas fundamentadas pelo esquema imagético PERCURSO, com foco na origem e no destino. Esse esquema imagético surge das experiências com caminhadas, deslocamentos, em termos concretos e abstratos. Caminhadas físicas são abstratizadas como rotinas cognitivas de armazenamento de conhecimentos, em analogia com o conceito de PERCURSO, como uma forma de pensar metaforicamente sobre acontecimentos ao longo do tempo. Esse sinal não é utilizado atualmente.

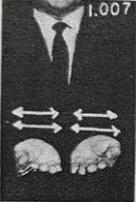
No sinal PRESENTE, a descrição limita-se a dizer que se trata do mesmo sinal utilizado para AGORA. No entanto, esse sinal não aparece na obra. Presume-se que se tratava de um sinal amplamente utilizado na época, fato que justificaria sua ausência. No paralelismo das mãos com orientação para cima e movimento sincronizado, para baixo, é possível interpretar que o sinal demonstra uma realidade próxima, já que as mãos não se afastam do corpo. A metáfora VIDA É JORNADA, com foco em um ponto do PERCURSO, também fundamenta essa visão do PRESENTE, como o *locus*, o aqui e agora de uma entidade ou um objeto em um caminho.

O sinal FUTURO é descrito da seguinte maneira: “impellir as mãos para diante”. No movimento, para frente, e na configuração das mãos, abertas com as pontas dos dedos apontando

para a frente, verifica-se a conceptualização das metáforas conceptuais FUTURO É PARA FRENTE e VIDA É JORNADA. Mesmo caminho conceptual de PASSADO em sentido inverso. Esse sinal não é utilizado para designar FUTURO nos dias de hoje. Embora a produção dos sinais para PASSADO e FUTURO tenham se modificado, em relação à descrição da *Iconografia*, as metáforas subjacentes a tais conceitos permanecerão as mesmas nos demais instrumentos linguísticos, evidenciando a mesma forma de conceptualizar esses tempos com base na corporificação dos sentidos.

3.2 Linguagem das mãos

Figura 2 – Sinais PASSADO, ANTES, HOJE e FUTURO

 <p>1.035</p> <p>PASSADO — (1035) — Fazer a mímica de "antes".</p>	p. 244
 <p>321</p> <p>ANTES — (321) — Mão direita aberta, palma para trás dedos para cima. Jogar a mão para trás perto da orelha direita. (Em tempo anterior, dantes, antigamente, passado).</p>	p. 84
 <p>1.007</p> <p>HOJE — (1007) — Mãos abertas diante do tronco um pouco separadas, palmas para cima, dedos para frente. Afastar um pouco as mãos para os lados opostos e aproximá-las sem se tocarem, duas vezes, em movimento ligeiro. (Agora, presentemente, atual, atualmente, neste momento).</p>	p. 240
 <p>1.006</p> <p>FUTURO — (1006) — Mão direita em "F", palma para a esquerda, colocada à altura do ombro direito, elevar a mão lentamente em aclave para frente, até distender o braço direito completamente. (Tempo que há de vir, que há de ser).</p>	p. 240

Fonte: Oates (1969)

No dicionário *Linguagem das mãos* (1969), existe, no capítulo 1, antes da apresentação dos sinais de verbos, uma explicação sobre o uso dos tempos verbais em Libras:

1. PRESENTE – Usar o pronome pessoal e o infinitivo do verbo para todas as formas do singular e do plural.
2. PASSADO – Usar o pronome pessoal, fazer o sinal de “já” e o infinitivo do verbo para todas as formas do singular e do plural.
3. FUTURO – Usar o pronome pessoal, fazer o sinal de “ir” e o infinitivo do verbo para todas as formas do singular e do plural (OATES, 1969, p.15).

Somente por apresentarem sinais de classes gramaticais, os capítulos 1 e 2 possuem, na introdução do capítulo, uma diretriz sobre o uso que se fazia na época. Trata-se de um registro relevante, pois ainda não tinham sido lançados estudos gramaticais específicos da Libras.

No sinal PASSADO, orienta-se a execução do sinal ANTES para referenciar o passado. Ao consultar o sinal, no entanto, percebe-se que o movimento representado pela seta em ANTES é mais curto do que em PASSADO. O movimento, portanto, parece indicar um passado mais próximo ou mais distante a depender do alongamento que o emissor utiliza na produção desses sinais.

O sinal PASSADO, semelhantemente ao que acontece em Gama (1875), também demonstra a conceptualização das metáforas VIDA É JORNADA e PASSADO É PARA TRÁS, por causa do movimento da mão para trás. Nesse sinal, no entanto, tem-se também a orientação da palma para trás, o que ratifica essa ideia e dá mais força à projeção metafórica. Além disso, ao observar a produção do sinal, percebe-se que o corpo humano é tomado como marco zero no processo de conceptualização, no qual o que fica para trás do ombro está no passado e o que está à frente do corpo representa o futuro.

Sabe-se que é natural pensar no tempo a partir de uma linha sequencial. Silva, Xavier e Silva, (2016) comentam que a organização dos tempos verbais pode ser feita a partir de uma linha imaginária do tempo correspondente às 24 horas tanto para o passado quanto para o presente e que, nas línguas de sinais, essa linha imaginária é tomada a partir do corpo do sinalizador. No entanto, neste estudo, defende-se que as projeções metafóricas PARA FRENTE e PARA TRÁS (FUTURO e PASSADO) não se limitam ao período de 24 horas, pois apontam para uma jornada mais longa: a vida. O prolongamento do movimento encarrega-se de mostrar quando se trata de um passado ou de um futuro próximo e quando se quer representar uma data mais distante. Nesse processo, as expressões faciais também atuam como intensificador, visto que quanto mais acentuadas maior o distanciamento do marco zero.

Nessa obra, não se encontrou o sinal PRESENTE, somente o sinal HOJE localizado após o sinal FUTURO. Isso sugere que tenha havido uma substituição do PRESENTE pelo HOJE, já que há proximidade semântica entre eles. No que diz respeito à conceptualização, apesar da mudança do movimento, ocorre de modo semelhante ao sinal PRESENTE em Gama (1875), pois as mãos paralelas, próximas ao corpo, demonstram que se trata de um momento chegado.

O sinal FUTURO difere-se do apresentado em Gama (1875), visto que a configuração de mão passa a ser a mesma da letra “F”, um caso de empréstimo linguístico proveniente da influência das línguas em contato (português e Libras). Os outros parâmetros, no entanto, permanecem os mesmos, de modo que a conceptualização acontece de forma semelhante. As metáforas conceptuais VIDA É JORNADA e FUTURO É PARA FRENTE também são identificadas nesse sinal.

3.3 Linguagem de sinais

Figura 3 – Sinais PASSADO, ANTES, HOJE e FUTURO

 <p>PASSADO Fazer o sinal de “antes” duas vezes.</p>	p. 281
 <p>ANTES Mão direita aberta com dedos unidos e apontados para cima, palma para trás próximo ao rosto. Jogar a mão levemente para trás perto da orelha.</p>	p. 86
 <p>HOJE Mãos abertas, dedos unidos para frente, lados dos dedos mínimos quase se tocando. Balançar as mãos para os lados opostos diversas vezes rapidamente, voltando à posição original.</p>	p. 279
 <p>FUTURO Mão direita em “F”, palma para a esquerda, na frente do rosto. Movimentar a mão para frente e ao mesmo tempo para cima, lentamente.</p>	p. 279

Fonte: *Linguagem de sinais* (1992)

O dicionário *Linguagem de sinais* foi produzido vinte e três anos após o *Linguagem com as mãos*. Mesmo assim, nota-se nele forte influência do seu antecessor. Assim como em *Linguagem com as mãos*, o verbete PASSADO referencia o verbete ANTES, porém se acrescenta a informação de que o movimento deve ser repetido duas vezes. A repetição, assim como o alongamento do movimento, indica a intensificação, no caso, da ideia de passado distante. Assim, quanto mais alongado ou repetido o movimento, mais distante será o passado ao qual o sinalizador se refere. Na descrição do sinal ANTES, não há, como no antecessor, a indicação de qual mão deve produzir o sinal.

Assim como no dicionário *Linguagem com as mãos*, não há o verbete PRESENTE e sim HOJE. A única diferença entre as obras é que, nesse verbete, também se descreve a quantidade de repetições do movimento. No primeiro, descrevem-se “duas vezes”; neste, “diversas vezes”, de modo a permitir maior expressão da subjetividade em termos de como o conceito deste TEMPO pode funcionar no uso da Libras.

No sinal FUTURO, o autor volta a especificar qual mão deve produzir o sinal. O sinal é basicamente o mesmo retratado no dicionário anterior, com a diferença de que, neste, em vez de produzir o sinal na altura do ombro, recomenda-se que se produza o sinal à frente do rosto. Apesar

das diferenças pontuais, nota-se que o padrão de conceptualização continua o mesmo: VIDA É JORNADA, PASSADO É PARA TRÁS e FUTURO É PARA FRENTE.

3.4 Dicionário digital da Língua Brasileira de Sinais

Figura 4 – Sinais PASSADO, PRESENTE e FUTURO



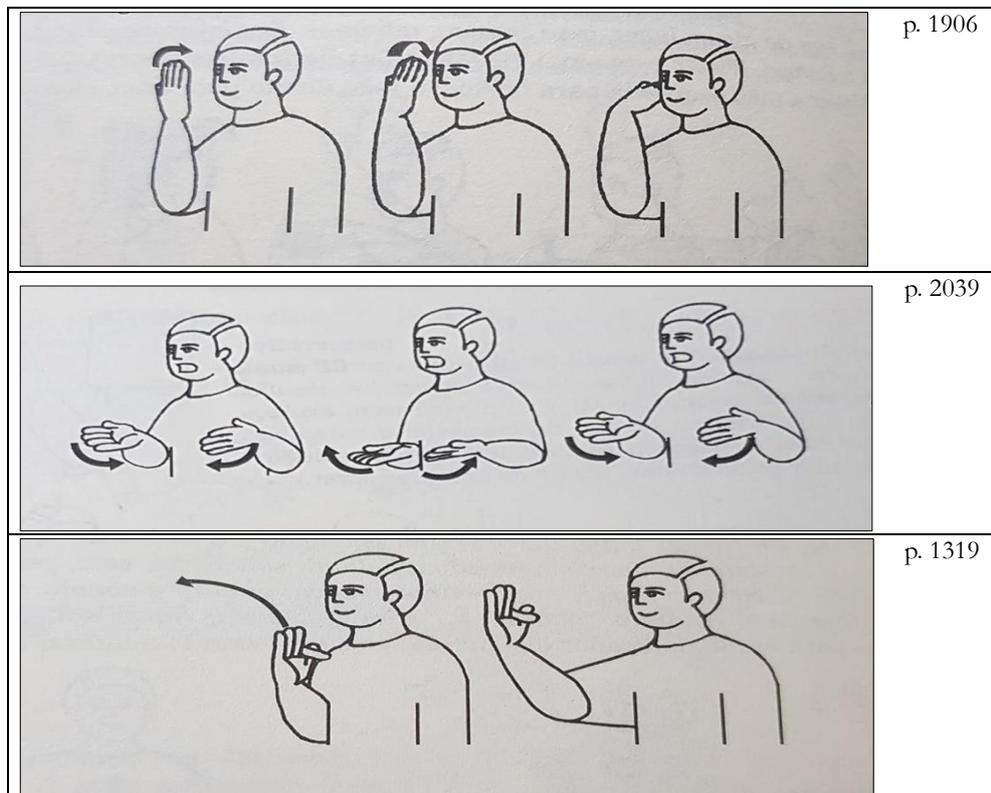
Fonte: *Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais* (2022 [2001]).

No *Dicionário digital da Língua Brasileira de Sinais* (2022 [2001]), não há descrição, mas é possível visualizar os detalhes da produção dos sinais através dos vídeos. O sinal PASSADO é produzido com três movimentos para trás. No sinal PRESENTE, a repetição do movimento é feita, ligeiramente, por três vezes. O sinal FUTURO tem movimento único, alongado, para frente.

Assim, percebe-se, nesse dicionário, a continuidade do padrão de conceptualização em que o corpo é fonte da conceptualização e, a partir dele, tem-se a conceptualização metafórica PASSADO É PARA TRÁS, FUTURO É PARA FRENTE, VIDA É JORNADA.

3.5 Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue

Figura 5 – Sinais PASSADO, PRESENTE e FUTURO



Fonte: CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURICIO (2015)

No dicionário *Trilíngue*, tem-se, além da imagem, a descrição dos sinais. Para o sinal PASSADO, apresenta-se a seguinte explicação: “o sinalizador com a mão aberta, palma para trás, ao lado da cabeça move os dedos para trás dobrando a palma para baixo, como a representar a ideia de que algo ficou para trás no tempo” (CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURICIO, 2015, p. 1906). Percebe-se que se trata do mesmo sinal explicitado nos instrumentos linguísticos analisados anteriormente, porém, neste, não há indicação de quantas vezes deve se fazer esse movimento. Logo, observamos a mesma conceptualização: VIDA É JORNADA e PASSADO É PARA TRÁS.

No verbete de PRESENTE, nota-se uma diferença quanto à orientação do sinal. A imagem e as setas mostram uma alternância entre palmas das mãos para cima e voltadas uma para a outra, o que não apareceu em nenhum dicionário até o momento. A descrição do sinal instrui o leitor a produzir o sinal AGORA, e detalha os seguintes aspectos: “mãos horizontais abertas, palma a palma, a cada lado do corpo. Virar rapidamente as palmas para cima, duas vezes” (CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURICIO, 2015, p. 2039). Apesar dessa alternância na orientação, as mãos continuam paralelas, à frente do corpo, mostrando que o corpo continua sendo o ponto de partida na conceptualização do TEMPO em Libras.

No sinal FUTURO, tem-se a seguinte descrição: “o sinalizador começa com a mão em F, diante do ombro, e então move num arco para cima e para frente (no sentido horário), como a representar a ideia de que algo ocorrerá em um tempo futuro, que vem pela frente” (CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURICIO, 2015, p. 1319). Essa descrição ratifica a conceptualização metafórica assumida neste estudo, VIDA É JORNADA e FUTURO É PARA FRENTE.

3.6 Manuário acadêmico e escolar

Figura 6 – Sinais PASSADO, PRESENTE e FUTURO



Fonte: *Manuário acadêmico e escolar*

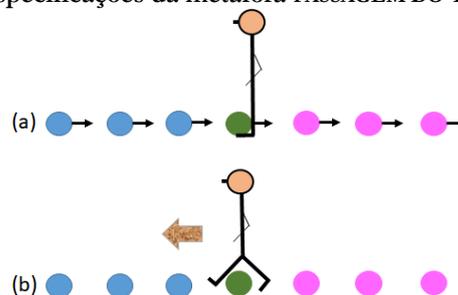
Por se tratar de um dicionário tridimensional⁵, não há a descrição dos sinais no *Manuário*, mas, ao assistir aos vídeos, é possível analisar os detalhes. Em PASSADO, tem-se o mesmo sinal apresentado nos instrumentos linguísticos anteriores, mas a sinalizadora repete o movimento por três vezes. Fato que, como já dito, não altera a conceptualização. Funciona apenas como intensificador do distanciamento do momento atual, na linha do tempo imaginária. No sinal PRESENTE, as palmas mantêm-se para cima e faz-se o movimento de aproximação e de afastamento das mãos, também, por três vezes. No sinal FUTURO, a mão em “F” movimentava-se para frente em um único movimento curvilíneo, afastando-se do corpo. Nota-se, na expressão não manual utilizada pela sinalizante e também no alongamento do movimento, que se trata de um futuro distante. Assim, observa-se a subjacência das metáforas conceptuais VIDA É JORNADA, PASSADO É PARA TRÁS, FUTURO É PARA FRENTE.

⁵ Os sinais PASSADO, PRESENTE e FUTURO podem ser consultados em <http://www.manuario.com.br/indice-geral.html>. Acesso em 13 de julho de 2022.

3.7 Metáforas para PASSADO, PRESENTE e FUTURO na Libras

Como consequência da assunção basilar da LC de que a mente é corporificada, o TEMPO é conceptualizado (*construed*), por meio de uma base espacial, como PASSAGEM DO TEMPO É MOVIMENTO, que é especificada a partir de duas metáforas bastante recorrentes nas línguas/culturas, por isso vistas como formas canônicas praticamente universais de pensar sobre o TEMPO: (a) PASSAGEM DO TEMPO É MOVIMENTO DE UM OBJETO e (b) PASSAGEM DO TEMPO É MOVIMENTO (DO EGO) POR UM CAMINHO. Na primeira metáfora, um observador está parado enquanto o tempo passa por ele, tendo o tempo como ponto de referência. Na segunda metáfora, o tempo é um objeto físico parado, por onde o observador se desloca, tendo o Ego como ponto de referência. Nas figuras (7a) e (7b), ilustram-se as metáforas para tempo (a) e (b).

Figuras 7a e 7b – Especificações da metáfora PASSAGEM DO TEMPO É MOVIMENTO



Fonte: NÚÑEZ; SWEETSER (2006, p. 406)

Há ainda uma conceptualização estática de tempo: TEMPO É LOCUS, como na frase “Não terminei o artigo ontem, porque tive várias reuniões em sequência”. Nesse caso, um ponto/intervalo no tempo é um trecho do caminho.

Essas três concepções surgem dos percursos percorridos por pessoas e objetos ao longo de um caminho físico que se abstratiza, tornando-se uma forma de pensar/conceituar noções abstratas como o TEMPO. Como somos seres que experienciam a vida por um tempo não finito, a VIDA também é conceptualizada como uma JORNADA – física, quando se caminha até o ponto de ônibus, ou abstrata, quando se pensa em formação acadêmica e carreira profissional, por exemplo. Essa conceptualização de VIDA como JORNADA, aliada à concepção de como lidamos com o TEMPO leva à compreensão de passado, presente e futuro em termos de eventos vivenciados durante a vida organizados em eixo temporal horizontal em nossa cultura.

Nessa concepção, no PERCURSO do EGO, eventos já vivenciados no PASSADO são conceptualizados atrás de seu corpo (bolinhas rosas nas figuras 7a e b). Eventos que ainda estão por vir são conceptualizados à frente do EGO (bolinhas azuis nas figuras 7a e b), que pode estar parado enquanto os eventos futuros chegam, ou caminhando em direção ao FUTURO. O PRESENTE é conceptualizado como o local em que o EGO se encontra no eixo temporal horizontal (bolinhas verdes nas figuras 7a e b). O conceito de FUTURO, portanto, é conceptualizado no ESPAÇO para onde a face e partes do corpo que se movimentam estão voltados.

No entanto, essa não é a única opção possível de conceptualizar o TEMPO. Como Núñez e Sweetser (2006) apontam, a língua dos aimarás⁶ parece ter uma metáfora estática do TEMPO, em que FUTURO ESTÁ ATRÁS DO EGO e PASSADO ESTÁ NA FRENTE DO EGO. Subjaz a esse mapeamento

⁶ Povo estabelecido desde a era pré-colombiana no sul do Peru, na Bolívia, na Argentina e no Chile, também conhecidos como Quollas ou Kollas. Enquadre conceptual de TEMPO que pode ser comum a outras línguas alto-andinas, segundo Núñez e Sweetser (2006).

a metáfora primária CONHECIMENTO É VISÃO ou CONHECER É VER. Como podemos ver o que está à nossa frente, não o que está atrás de nós, o PASSADO já vivenciado é, pelo menos potencialmente, CONHECIDO, enquanto o FUTURO é necessariamente DESCONHECIDO, portanto mapeado para a área atrás do Ego, já que os olhos se encontram na frente do corpo: CONHECIDO ESTÁ NA FRENTE DO EGO; DESCONHECIDO ESTÁ ATRÁS DO EGO.

Dancyngier (2017) cita o estudo Moore (2014), que examinou minuciosamente uma gama de línguas na Europa e na Ásia, em que PASSADO ESTÁ NA FRENTE. Segundo a pesquisa de Moore (2014), essa metáfora se reduz a HORÁRIOS/EVENTOS ANTERIORES ESTÃO NA FRENTE DE TEMPOS/EVENTOS ÚLTIMOS (uma metáfora baseada no tempo), em vez da conceptualização baseada no EGO: PASSADO ESTÁ NA FRENTE DO EGO. Isso evidencia o mapeamento incomum da língua do povo aimará (e seus vizinhos). Dessa forma, a conceptualização de PASSADO, PRESENTE e FUTURO, na Libras, baseia-se em metáforas prototipicamente usadas na maioria das línguas/culturas⁷.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar os conceitos de PASSADO, PRESENTE e FUTURO da Libras, a partir de alguns instrumentos linguísticos, considerou-se os contextos situacionais de produção de saberes metalinguísticos, os aspectos linguísticos e corporais na conceptualização. Observamos, nesses sinais, um padrão de conceptualização de base corporificada que se manteve em todos os sinais analisados. Apesar das diferenças na sinalização, o corpo consiste em um marco zero na linha imaginária que representa o TEMPO.

Os sinais utilizados para marcar o PASSADO mantiveram o padrão de movimento para trás. Nos sinais utilizados para designar o PRESENTE, também foi evidenciada uma constância no que diz respeito ao paralelismo das mãos, a configuração de mãos e a proximidade ao corpo. Por fim, todos os sinais empregados para transmitir a ideia de FUTURO tinham o movimento alongado para frente em sua estrutura. Assim, pode-se afirmar que a metáfora conceptual mais ampla VIDA É JORNADA e suas especificações, PASSADO É PARA TRÁS e FUTURO É PARA FRENTE fundamentam a conceptualização do TEMPO na Libras, com base na corporificação dos sentidos, o que reforça a tese do papel das experiências corpóreas na construção de sentido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014.
- BONET, Juan Pablo. *Reduction de las letras y arte para enseñar a hablar los mudos*. 1620. Disponível em: <http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000047536&page=1>. Acesso em: 10 ago. 2022.
- BRITO, Lucinda Ferreira. *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1995.
- CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkíria Duarte; MAURICIO, Aline Cristina L. Novo Deit-Libras: *Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas*. 3. ed. rev e ampl., 1. reimpr. São Paulo: EdUSP, 2015.
- DANCYGIER, Barbara. *The Cambridge Handbook of Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

⁷ Embora o escopo deste texto seja a Libras, várias questões podem ser investigadas acerca da conceptualização metafórica do tempo em outras línguas de sinais: em chinês, por exemplo, o tempo pode ter uma orientação vertical em que PASSADO está acima e FUTURO, abaixo (LITTLEMORE, 2019, p. 18, citando o estudo de FUHRMAN et al., 2011). Porém, na língua de sinais chinesa, PASSADO e FUTURO são conceptualizados para trás e para frente, respectivamente (*Spread The Sign*, em <<https://www.spreadthesign.com/pt.br/search/>>). Várias complexidades podem estar relacionadas a essa concepção de tempo.

- ACESSIBILIDADE BRASIL. Dicionário da Língua Brasileira de Sinais, 2001. Disponível em: <http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras_3/>. Acesso em: 13 jul. 2022.
- FAVERO, Leonor Lopes; MOLINA, Márcia A. G. História das ideias linguísticas: origem, método, limitações. Revista da ANPOLL, São Paulo, v. 16, p. 131-146, 2004. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/553/563>. Acesso em 03 ago. 2022.
- FAVORITO, Wilma et al. Processo de expansão lexical da Libras: estudos preliminares sobre criação terminológica em um curso de Pedagogia. LSI – *Lengua de señas e interpretación* v. 3, p. 89-102, 2012.
- FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.
- FILLMORE, Charles J. Frame semantics. In: GEERAERTS, D. (ed.). *Cognitive linguistics: basic readings*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2006, p. 373-400.
- GAMA, Flausino José da. *Iconographia dos signaes dos surdos-mudos*. Rio de Janeiro, RJ: Typographia Universal de E. & H. Laemmert, 1875.
- GIBBS Jr., Raymond. W.; COLSTON, Herbert L. The cognitive psychological reality of image schemas and their transformations. In: GEERAERTS, Dirk (ed.). *Cognitive linguistics: basic readings*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006. p. 239-268.
- GRADY, Joseph. *Foundations of Meaning: Primary Metaphors and Primary Scenes*. Ph.D. dissertation. University of California, Berkeley, 1997.
- JOHNSON, Mark. *The body in the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- KÖVECSES, Zoltán. *Extended conceptual metaphor theory*. Cambridge; New York, NY: Cambridge University Press, 2020.
- LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: Chicago University Press, 1987.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana* [coordenação de tradução Mara Sophia Zanotto]. Campinas-SP: Mercado de Letras; São Paulo: EDUC, 2002[1980].
- LANGACKER, Ronald W. *Foundations of Cognitive Grammar*. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- L'ÉPÉE, Charles Michael (abbé de). *Institution de sourds e muets par la voie des signes méthodiques*. 1776. Disponível em: www.bium.univ-paris5.fr/histmed/medica/cote?38462. Acesso em: 10 ago. 2022.
- LITTLEMORE, Jeannette. *Metaphors in the mind: sources of variation in embodied metaphor*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.
- MANDELBLATT, Janete; FAVORITO, Wilma. *Manuário Acadêmico e Escolar*, 2011. Disponível em: <http://www.manuario.com.br/indice-geral>. Acesso em: 13 jul. 2022.
- MOORE, Kevin Ezra. *The spatial language of time: metaphor, metonymy, and frames of reference*. Amsterdam: John Benjamins, 2014.
- NUNES, Valéria Fernandes. Parâmetro orientação em Libras: investigando metáforas e esquemas imagéticos. *Signo*. Santa Cruz do Sul, v. 44, n° 79, p. 29-37, jan./abr., 2019.
- NÚÑEZ, Rafael E.; SWEETSER, Eve. With the future behind them: convergent evidence from Aymara language and gesture in the crosslinguistic comparison of spatial construals of time. *Cognitive Science* 30(3), p. 401–50, 2006.
- OATES, Eugênio. *Linguagem das mãos*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 1969.
- SESSA, Glênia A. B. S. *Expressão por emoção: uma abordagem cognitiva de adjetivos em Língua Brasileira de Sinais*. 2018.136f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- SILVA, Nilce Maria. *Instrumentos linguísticos de Língua Brasileira de Sinais: constituição e formulação*. 2012. 261f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2012.
- SILVA, Nilce Maria da; XAVIER., Priscila Aparecida Moraes Henkemaier; SILVA, Vera Regina Martins e. *Constituição da categoria de tempo verbal em textos fundadores de língua de sinais – Estudo da Libras*. In: RENZO, Ana di; MOTTA, Ana Luiza Artiaga R. da. (Org.). *Ciência, língua e ensino*. Campinas: Pontes, 2016, p. 161-175.
- SOCIEDADE TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS. *Linguagem de Sinais*. São Paulo: Cesário Lange, 1992.

Submetido em 12-08-2022
Aceito em 27-09-2022